

Caleidoscópico

Lino Roberto Morales



Tradução: Sandra Brachet-Cota

CALEIDOSCÓPIO

POESÍA E CONTO

Direitos reservados

Caleidoscópio, escrito em espanhol por Lino Roberto Morales, é oferecido como texto de antologia no portal "Terra curanda", ISSN 1569-2469. (Tradução para o português: Sandra Brachet-Cota)

A Nené, Patrícia e Marcelo

Piensa el sentimiento, siente el pensamiento; que tus cantos tengan nidos en la tierra.

(...)

No te cuides con exceso del ropaje, de escultor, no de sastre es tu tarea.

Miguel de Unamuno

I. POESÍA

ANO DE 1936

Soam clarins
Rufam tambores...

Será talvez
Porque a Espanha começa a sangrar
Em fraticida guerra civil

Será talvez
Porque em Granada
Federico García Lorca morre
Assassinado pela intolerância vil

Será talvez
Porque em Buenos Aires
Ao Prefeito de Vedia e Mitre
Um obelisco ocorre-lhe erigir

Será talvez
Porque em Palermo Velho
Quem escreve isto hoje
É chamado a existir

CARPE DIEM

Eu percebi tarde...

Mas percebi

Que me haviam sido impostos

Os significados de culpa, dever e pecado

Eu percebi tarde...

Mas percebi

Que eu existia apenas

Em múltiplos cristais espelhado

Eu percebi tarde...

Mas percebi

Que aqui, agora

E sem preconceitos

É possível gozar da vida

Sem ser autorizado

A ROSA BRANCA

Eu procurei-a apaixonadamente
Na clareza da alva
No ardente meio-dia
Na noite sem lua

Indiferente
E sem mancha
Ali estava “a rosa”
“A rosa branca”

POR QUE HÁ ROSAS VERMELHAS?

Eu andava sempre
Entre gerânios e glicínias
Quando uma rosa branca
Apareceu em minha vida

E seus espinhos não me preocuparam
Um a um, eu ascendi por eles
E minhas feridas não me importaram
Com mãos ensanguentadas
Por fim pude segurá-la...

Ali ficou a rosa
De beleza tão temida
Agora toda de vermelho
Encontra-se ela vestida.

O EFÊMERO

A rosa branca morreu
Quase sem haver nascido...
Apenas ficam lembranças
De ténues fragrâncias
E entrecortados suspiros.

AQUELA LUA

Disco de prata...

Tão sedenta tu estavas

Que desceste ao rio

A beber toda a água!

Disco de prata...

Tão triste tu estavas

Que te afogaste em silêncio

Entre sussurros e lágrimas!

Disco de prata...

Tão desiludida tu estavas

Que foste embora nesse dia

Sem saber que eu te amava!

ASSIMETRIAS

Quem moldou teu rosto
Com tremente mão
Impiedosa e impudica!

Quem moldou teus seios
Feitos de leite e mel
Com grácil cinzel!

Quem moldou teu púbis
Povoado de riso e pranto
Com secreto encanto!

Verdade... Mentira
Fealdade... Beleza
Talvez apenas caprichos da natureza

GRITOS E SILÊNCIOS

Atravessa-me um grito
Rangente... Pungente... Ferino...
É uma mãe
Que clama por seu filho

O brado estreita-se, estica-se, amassa-se
Depois...
Atravessa-me um silêncio
Mais dilacerante que o uivo

E entre grito e silêncio
Invade-me a mesma dor
Que deixa de ser alheia
Que se torna minha e de nós

TEUS EBÚRNEOS PEITOS

Tu marchas na frente
Com teus ebúrneos peitos
Branças esteiras
Deixas ao passar

Dize-me mulher:
— O que tu me fizeste?
Minha barca quase naufraga no mar
E isso que só, tão só
Uma vez te vi passar.

A DÚVIDA

Nosso amor foi sem haver sido
Pena não havê-lo vivido
Porque fica a incerteza de não saber
Como nos houvéssemos querido.

SÓ SOU UM HOMEM SÓ

Não é que esteja só...
Só sou um homem só
Que em silêncio
Vive, sofre, quer...
E às vezes morre

Não é que esteja só...
Só sou um homem só
Que em tristeza
Duvida, sofre, odeia...
E às vezes chora

Não é que esteja só...
Só sou um homem só
Que em alegria
Goza, ri, clama
E às vezes em silêncio ama

LIBERAÇÃO

Duas brancas pombas
Atravessam teu peito
Amordaçadas escondem
Seus palpitantes alentos...

Hoje, vencidos distância e medo,
Eu posso libertá-las
Com adormecidos afagos...
Com noctívagos beijos...

TU NÃO ENTENDESTE

Tu me disseste
Que eram pequenos...
Que após as crianças
Tornaram-se secos

Eu respondi
Que os queria assim...
Naturais e frescos

Um dia tu vieste com eles
Redondos... perfeitos...

Tu não entendeste...
Eu amava aqueles
Que eram naturais e frescos
Que eram teus e meus

A AVÓ

— Filho... Filhinho...
Fica comigo!

— Não posso avó
Carmela me espera
Vestida de anil

— Filho... Filhinho...
Olha que estou mal
Que eu talvez morra

— Não posso avó
Carmela me espera
Vestida de anil

Carmela não veio
Longa foi a noite
De lamentos e vinho

Minha avó também não estava...
Dizem na vila
Que três mulheres de preto
Em silêncio a levavam

Enquanto ela entre dentes sussurrava:
— Digam a meu neto que o quero!
— Digam a meu neto que o quero!
— Digam a meu neto que o quero!

TOLERANTIA

Se eu fosse como tu quisesses

Não seria eu...

Seria como tu

Se tu fosses como eu quisesse

Não serias tu...

Serias como eu

Por que não somos

Tu... tu

Eu... eu?

Assim nós dois poderíamos viver em paz.

AS MORTES

Dizem que se morre de vez
Não sei se é verdade ou mentira
Eu morri já várias vezes...
E, no entanto, vivo ainda

II. CONTOS

O SALÃO NOBRE

Do extremo esquerdo do vestibulo surgia a longa escadaria de mármore de Carrara. O tapete carmesim que a cobria lhe conferia realeza. Subir por ela foi bastante penoso pela ausência de patamar.

Por fim eu dei com as imensas portas de roble do salão nobre. Entrei e logo me perdi em seus altíssimos tetos, em suas paredes coalhadas de históricos quadros. Tudo inspirava austeridade e silêncio. Em um dos lados, os tubos prateados anunciavam que estávamos diante do Órgão de Catálogo do Colegio Nacional de Buenos Aires ⁽¹⁾.

Como começar a falar? Não me perguntem o porquê, mas eu levantei mecanicamente a tampa do piano e comecei a executar o Estudo Revolucionário de Chopin. Ante meu assombro, meus dedos se deslizavam sobre o teclado sem nenhum esforço. Sentia-me flutuar em um ambiente mágico. Toquei o último acorde e logo senti que as pessoas aplaudiam entusiasmadas e confundidas. Acontecia que elas haviam ido escutar um palestrante, não um músico.

Dirigi-me ao estante. Agradei. Eu disse-lhes que não se haviam enganado, que eu estava ali para dar uma palestra sobre o silêncio e sua importância na música, na literatura, na vida.

Assim que acabei de dizer essas únicas palavras, fiquei como eletrizado no mais absoluto silêncio. Era como se os duendes que moravam no antigo Real Colegio de San Carlos, fundado na época da colônia pelo vice-rei Vértiz, houvessem tomado posse de meu corpo e de minha mente.

Eu permaneci imperturbável. No começo ouvia no salão alguma que outra tosse, algum que outro sussurro. Depois tudo foi ficando quieto,

paralisado, sem tempo. Em inextricável comunhão, todos nós escutávamos o nada e a presença do absoluto vácuo.

Quando se deu por encerrada a palestra sem palavras (saibam vocês ignorar o possível oximoro), uma longa e fechada ovação partiu do público. Retiramo-nos do salão nobre levando conosco o verdadeiro protagonista, o inefável silêncio.

(1) O *Colegio Nacional de Buenos Aires* é uma tradicional escola secundária pública, pertencente à Universidade de Buenos Aires. Foi fundado no século XVIII com o nome de *Real Colegio de San Carlos*.

O FILHO DE DEUS

***Cidade Autônoma de Buenos Aires,
Sexta-feira, 18 de outubro de 2002***

O carrilhão da Legislatura da Cidade Autônoma de Buenos Aires dá onze badaladas ininterruptamente. Debruço-me na janela. O sol primaveral cobre as flores arroxeadas dos jacarandás que beiram a ampla avenida. De quando em quando sente-se o ronco fatigado dos ônibus. Eu olho para a esquerda. No cruzamento das ruas Chacabuco e Diagonal Sur, o tropel de veículos espera. Vejo-os inquietos, como se fossem cavalos de corrida na linha de largada. O sinal dá a ordem de partida e eles iniciam desesperados a ascensão para a Plaza de Mayo. Inutilmente tentam se adiantar uns aos outros. Eles têm de frear a escassos cem metros pelo estreitamento que a estátua equestre do general Julio Argentino Roca produz.

Acredito que eu esteja sozinho no escritório, mas logo me apercebo de que não é assim. Hernán encontra-se ali, refestelado na única poltrona que, embora desconjuntada, ainda resiste ao passo do tempo. Como sempre, aparece magro, barbado e melancólico. Todos o apelidam “o místico” porque ele acredita ser o filho de Deus feito homem. Eu tento ignorá-lo. Ele deseja o mesmo que eu. Não se altera com minha presença.

Inesperadamente levanta-se da poltrona como uma mola e se dirige à janela. Aproxima uma cadeira e sobe. Sussurra reiteradamente com voz quase inaudível: “Ego sum filius Dei”.

Da cadeira ele passa à janela. Fica em pé no parapeito, estático frente ao vácuo. Eu vejo sua figura desajeitada se agigantar debaixo do dintel. Alça seus esqueléticos braços e começa um adejo lento e engraçado. Aspira fundo e sonoramente. Como uma exalação, some da minha vista. O que acontece é tão inexplicável que eu fico petrificado.

“Talvez se tenha feito em pedaços”, eu penso angustiado. “Não acho que os galhos do anoso jacarandá da calçada possam ter amortecido o golpe. Sete andares de um prédio tão antigo é altura demais.”

Eu começo a sentir culpa e meus questionamentos vão surgindo. “Por que não tentei detê-lo quando galgou a janela? Por que não pedi ajuda a meus companheiros do escritório vizinho?”

Depois o medo me sobrevém: “Eu era o único que estava presente quando Hernán se jogou do sétimo andar. Vou ser o principal suspeito. E isso é razoável: eu deveria tê-lo contido ou ter pedido ajuda”.

Enquanto isso, minutos intermináveis decorrem. Para minha surpresa, não ouço o ulular dos carros policiais quebrando a monotonia da sexta-feira à tarde.

Eu supero o medo e me debruço na mesma janela da qual Hernán se jogou. Olho e deparo-me com a modorra de sempre. Os pedestres vêm e vão com a indiferença costumeira de uma tarde anterior ao fim de semana. “Será que ele é mesmo o Filho de Deus, como repetiu tantas vezes?”

Vou para o escritório ao lado e noto que ninguém se apercebeu do que aconteceu. Orlando, como sempre, continua a tentar se adaptar a seu novo computador. Eu cumprimento-os sem fazer comentários. Pergunto-me a sério se tudo isso aconteceu realmente ou se foi apenas um pesadelo meu.

Um instante depois, a estridente campainha do telefone fere o silêncio. Ligam por parte de Hernán para me dizer que não me preocupe, que ele chegou bem e regressará logo. Isso sim, pedem-me que não deixe a janela fechada. Eu penso: que tipo de filho de Deus ele é, se precisa que lhe deixe a janela aberta?

Nessa sexta-feira eu sou o último a ir embora do escritório. Certifico-me de que ninguém fique nos escritórios do andar. Como obedecendo a uma ordem inconsciente, eu deixo a janela entreaberta.

Na viagem de regresso a minha casa, eu reflito: “Talvez tudo seja o produto da minha incontrolável imaginação de escritor amador. Ou será mais um caso de *déjà-vu* que me atormenta”. Proponho-me a esquecer o assunto definitivamente.

***Cidade Autónoma de Buenos Aires,
Segunda-feira, 21 de outubro de 2002***

Na manhã da segunda-feira seguinte, eu volto ao escritório completamente amnésico. Quando entro no prédio, Raul me cumprimenta com a amabilidade de sempre e me comenta risonho:

— Com certeza você não sabe a que horas da sexta-feira se retirou do escritório “o místico”... perdão, o contabilista Hernán.

— Não sei, não... – eu digo fingindo surpresa.

— Só às dez da noite!

O INFERNO

Dante acabava de fazer quarenta anos. A celebração havia sido sóbria e insignificante, como todas as coisas de sua vida. Uma vida dedicada por inteiro ao trabalho e ao cumprimento dos preceitos religiosos que seguia com rigor monástico.

Ele pensava permanentemente em sua futura vida celeste. Estava certo de que a merecia. Em sua cenobítica existência, não havia mácula alguma que desviasse a viagem ao paraíso tão sonhado.

Porém, algo fora do comum ia lhe acontecer naquele aprazível dia de outono. Quando caminhava pela Avenida de Mayo conheceu uma mulher, Beatriz. E convidou-a para tomar um café no bar localizado no térreo do Palácio Barolo ⁽¹⁾.

Ela disse-lhe que trabalhava no Palácio havia cinco anos. Confessou que admirava o imponente prédio construído pelo arquiteto Mario Palanti no ano de 1923. Fascinava-a o fato de esse estudioso da Divina Comédia ter dividido o edifício em três partes: o Céu, o Purgatório e o Inferno. Risonha, falou que seu escritório estava no Purgatório, mas muito próximo do Céu. E acrescentou com tom zombeteiro:

— Agora você e eu estamos no Inferno!

O diálogo durou o tempo que pode levar a eternidade de uma xícara de café. No entanto, foi suficiente para que Dante sentisse pela primeira vez a pulsão alienante da paixão.

Antes de se despedirem, Beatriz pediu-lhe o número de seu celular e prometeu que logo ligaria para ele. À medida que passava o tempo, a paixão de Dante incrementava-se. Só no sétimo dia ele recebeu no celular uma

misteriosa mensagem de Beatriz: “Eu te espero no Inferno amanhã, sexta-feira, às dez”.

Dante, homem místico por natureza, deixou sua imaginação vagar. Duvidou de que Beatriz fosse uma mulher terrena. “Será que ela é um anjo?” pensou. “A mensagem não significará um convite para vê-la no mais além?”

Quando a paixão se solta, é incontrolável. Dante pensava nela a toda hora e prometia a si mesmo: “Eu a amo e não hesitarei em segui-la ao mesmo Inferno se for preciso”.

Na manhã da sexta-feira prometida, Beatriz esperava Dante no bar do Palácio Barolo, estranhada de que ele não tivesse chegado ainda. Impaciente, conferiu sua mensagem no celular. “O dia, a hora e o lugar estão bem claros. Não pode existir nenhuma dúvida de que o encontro está marcado aqui, no Palácio Barolo. Além do mais, eu lembro que lhe disse isso na primeira vez.”

Ela esperou inutilmente meia hora a mais. Mal-humorada, foi-se embora caminhando pela Avenida de Mayo em direção a Callao. Muitos passageiros saíam em tropel de ambas as bocas da estação de metrô Sáenz Peña. Nesse momento, um deles dizia:

— Que ideia essa de se jogar debaixo do trem! Esse cara podia ter procurado outra forma de se suicidar sem prejudicar ninguém!

Beatriz escutou a triste notícia e, sem saber por que, associou-a tragicamente a Dante. Ele podia ter interpretado mal sua mensagem... Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Ela não havia cruzado ainda a avenida quando Dante a alcançou, sufocado. A alegria que sentiu Beatriz foi tão grande que o abraçou e beijou. Exultante e surpreso, Dante tentou lhe explicar que havia chegado tarde porque alguém tivera a ideia de se suicidar se jogando debaixo do trem.

(1) O Palácio Barolo é um edifício de escritórios localizado em Buenos Aires, na Avenida de Mayo. Na época de sua inauguração (1923) era o prédio mais alto da América do Sul. Contém inúmeras referências à Divina Comédia de Dante Alighieri, motivadas pela admiração que seu criador, o arquiteto italiano Mario Palanti, sentia pelo poeta florentino.

LADY SUSAN MARGARET THOMPSON

Faltavam poucos dias para minha partida de San Carlos de Bariloche ⁽¹⁾. Porém, antes de ir embora eu tinha que cumprir um pedido explícito de minha mãe: tentar saber algo sobre a misteriosa viagem de sua íntima amiga, a inglesa Susan Margaret Thompson.

Susan era uma célebre antropóloga especializada na cultura araucana ⁽²⁾, que havia viajado de Londres para um assentamento mapuche, no norte do lago Nahuel Huapi ⁽³⁾, com o intuito de aprofundar seus conhecimentos. A única coisa que minha mãe sabia de ciência certa era que isso acontecera em julho de 1960 e que sua amiga contratara o guia Domingo Vera.

— Tudo o mais é boato – ela me disse.

Encontrá-lo não me deu muito trabalho. Vera era um homem idoso, vital e de boa memória. Recebeu-me em um quarto repleto de livros. Quando eu lhe mencionei o nome de Susan Margaret Thompson, seus olhos acenderam-se e, sem que eu pedisse, ele começou a narrar a história. Conversava com a simplicidade de um homem culto que vive em silêncio e fala apenas quando tem alguma coisa a dizer.

“Eu fui contratado pelo cônsul inglês como guia e patrão da lancha *Melody*. Embarquei com lady Susan em Puerto Pañuelo. Lembro que escassos dois meses tinham se passado desde o devastador sismo em Valdivia e dava pena ver abandonado a um lado o barco a motor *Modesta Victoria*, que mostrava as fundas feridas produzidas pelo tsunami desencadeado nas águas do Nahuel Huapi.

Começamos a cruzar o extenso lago. Eu jamais tinha visto uma mulher com olhos de uma cor azul tão intensa. Era como se o lago se refletisse neles. Não me pergunte por que, mas eu pensei premonitoriamente no magnetismo que exercem os espelhos.

Quando navegávamos para o noroeste da ilha Victoria ⁽⁴⁾, eu disse fazendo-me de misterioso:

— Até agora ninguém conseguiu determinar a profundidade que o lago tem aqui. A última tentativa que fizeram foi com uma sonda de quatrocentos metros que não tocou no fundo. Alguns entendidos dizem que se conecta com o mar.

Ela me ofereceu como única resposta o silêncio e um leve sorriso.

A lancha *Melody* chegou ao precário cais. Os mapuches estavam esperando lady Susan. O grande cacique guerreiro aproximou-se dela com presteza e a cumprimentou cortesmente em espanhol. Ela lhe respondeu em mapudungun.

A simpatia que despertava Susan e sua fluência na língua aborígene lhe escancararam as portas do coração das pessoas. Assim ela foi se embrenhando no conhecimento desse povo aguerrido. Passou os primeiros tempos admirando as belezas naturais que transbordavam da paisagem sulista.

Eu lembro que, enquanto caminhávamos pelos bosques de murtas e coihues, o cacique explicava-lhe que ela ia desfrutar na primavera de uma variedade infinita de cores, que iriam do vermelho do notro ao amarelo do amancay; do lilás da calêndula ao alaranjado da mutisia. Pela intensidade com que se olhavam, era incontestável que eles já estavam unidos pelo amor.

O doutor Celaya prestava seus serviços em um dispensário a poucos quilômetros do povoado. Um dia em que eu estava ali de visita, lady Susan

apareceu inesperadamente. Parecia preocupada... porque estava grávida, fato que devia ser mantido em segredo.

Vários meses se passaram. Um dia chamaram-me para que fosse buscar o médico porque lady Susan estava muito grave. Na ampla choça do cacique, ela encontrava-se deitada em um catre, coberta com mantas multicolores. Tremia e seu rosto surgia translúcido e branco como a neve. Apenas seus olhos refletiam ainda a intensa cor azul que ia se tornando opaca.

Eu pude escutar quando ela disse ao doutor que não queria que seu corpo chegasse a Londres. Que tinha medo de que uma pesquisa fosse ordenada e sua família sofresse por isso. Logo após, o silêncio. Pouco tempo depois me avisaram que havia falecido.

Os mapuches fabricaram um ataúde artesanal de coihue. Os restos de Lady Susan foram levados até a pequena lancha em uma procissão encabeçada pelo afligido cacique. O pesado féretro foi colocado na proa. Eu mesmo o amarrei com fortes cabos, segurando-o firmemente a bombordo e boreste.

O doutor Celaya, que se encontrava junto ao féretro, estava desolado. Eu não me explicava o porquê de tanto pesar si ele, enquanto médico, devia estar acostumado à morte.

Empreendemos o triste regresso. O caixão cobria a primeira metade da lancha, depois vinha a casinha do motor. Eu estava atrás atento ao leme, já que o lago estava muito agitado e as contínuas ondas faziam com que a embarcação cabeceasse perigosamente. Eu sentia que o motor se esforçava mais e mais, e avançávamos muito pouco devido às correntezas cruzadas do noroeste da ilha Victoria.

Foi ali que o motor se desligou subitamente. Enquanto a lancha se balançava e as vagas começavam a bater de lado, eu fazia esforços

desesperados para reiniciar a marcha. Aliás, a água começava a tomar conta da embarcação.

Depois de algumas tentativas, consegui acender o motor novamente. Nesse instante a lancha adernou demais para bombordo e eu vi, impotente, como o caixão e o doutor Celaya caíam como uma seta nas geladas águas do lago.”

Só nesse momento Domingo Vera interrompeu seu relato, para acrescentar logo pensativamente: “Cerca de trinta anos se passaram e ainda hoje eu não consigo compreender duas coisas: como é que os cabos se soltaram e por que razão o doutor Celaya seguiu lady Susan para as profundezas insondáveis do Nahuel Huapi?”.

Como Domingo Vera desse por encerrado seu relato, eu aproveitei para lhe perguntar sem rodeios se lady Susan tivera a criança. Ele respondeu-me elipticamente: “Os habitantes do lugar que visitavam o assentamento mapuche voltavam fascinados e surpresos pela estranha beleza da filha do cacique guerreiro. Falavam maravilhados da palidez de sua pele e do azul de seus olhos. Quando alguém fazia uma pergunta indiscreta, o xamã da tribo explicava que no dia em que tinha nascido Nahuela, a neve cobria toda a região com um extenso manto branco. O lago celebrou lançando palmas de anil para a terra e o deus Ngenechen consumou na menina o misterioso milagre”.

Eu pensei que isso era uma verdade mágica, mas afinal não deixava de ser uma verdade. Agradei-lhe e despedimo-nos. Depois decidi qual parte da história lhe contaria finalmente a minha mãe.

(1) Cidade argentina localizada na província de Río Negro, junto à Cordilheira dos Andes.

(2) Os araucanos ou mapuches são um povo indígena da região centro-sul do Chile e do sudoeste da Argentina.

(3) Lago argentino compartilhado pelas províncias de Río Negro e Neuquén.

(4) Ilha situada no lago Nahuel Huapi.

DIA DO PAI

Que ideia a minha, ir ao cemitério no dia do pai! O fluir da gente era incessante. Pessoas apressadas iam e vinham abraçadas a grandes ramos florais. Algumas levavam ainda essas odiosas flores artificiais.

A abóbada estava bastante afastada da zona de nichos, onde havia o maior tumulto. Ali reinava a sempiterna paz dos cemitérios. Tudo estava igual; apenas o cipreste do outro lado da rua havia se tornado mais frondoso.

Eu comecei a abrir a porta da abóbada com muita dificuldade. Primeiro foram as tentativas de fazer a fechadura girar. A chave impiedosa se negava a destravar as engrenagens enferrujadas. Quando por fim cedeu, e consegui liberar o ferrolho e empurrar a pesada armação de ferro, as quatro dobradiças rangeram em uníssono. O ruído alertou o guarda, que me trouxe a conta a pretexto de me ajudar.

No interior do pequeno recinto estendia-se a penumbra que o anoso cipreste espalhava sobre a abóbora. A ambos os lados, quase no nível do chão, estavam meus seres mais queridos.

– Eu já sei, sim! Faz muito tempo que não venho... O senhor sabe isso melhor do que eu! Mas eu tenho que confessar uma coisa. Eu estive zangado com você... Quando o acidente aconteceu, eu tinha apenas quatro anos. Eu tive que ir construindo a figura do meu pai através dos relatos da minha mãe e de algumas fotos amareladas pelo passo desrespeitoso do tempo.

Eu dei um salto para trás em minha vida e comecei a reviver a inesquecível cerimônia de minha infância: abrir a caixa de madeira de roble, repleta de velhas fotografias, em companhia de minha mãe e meus irmãos. Ali estavam as fotos do casamento de meus pais, as do batismo, as da primeira comunhão e as das férias em San Clemente del Tuyú. Nós passávamos horas

fazendo comentários risonhos. Até que chegávamos ao epílogo da história: os recortes de jornais que anunciavam o trágico acidente do avião que pilotava Manuel Fuentes, quem levava como único passageiro seu filho mais velho, do mesmo nome.

Eu acordei do sonho. Achei-me de novo na abóbora. Quando fixei o olhar na cabeceira do féretro, descobri o castiçal apoiado sobre o tapete de crochê tecido por minha mãe. No centro havia restos de uma vela curvada pela umidade. Eu consegui acendê-la após várias tentativas. Enquanto a vacilante luz amarela brincava com as sombras do interior, comecei a reviver aquela história.

Na minha série eu era o único aluno órfão, chorava desconsoladamente quando o temido dia do pai se aproximava. Lembrava o quanto havia sofrido na primeira série. Eu via que todos meus companheiros presenteavam seus pais e eu, em um recanto, tentava ocultar minha tristeza. Sentia-me culpado por não ter meu pai vivo.

No entanto, algo extraordinário ia me acontecer na segunda série. Minha professora era a senhora de Angeloz. Alguns dias antes da celebração do dia do pai, ela me levou à parte e me falou com palavras que hoje, a mais de trinta anos, eu posso repetir de cor: “As pessoas queridas só morrem quando a gente deixa de lembrá-las. E há uma maneira de reafirmar que seu pai continua vivo: levar-lhe um presente a sua última moradia”.

A professora me ajudou. Ela me disse que procurasse entre os caracóis que eu colecionava algum que pudesse servir como castiçal. Escolhi um com base plana para que não se balançasse. Colocamos-lhe um suporte em cima, para fixar a vela. À medida que eu progredia no labor, uma imensa alegria me enchia. Por fim eu ia levar um presente a meu pai!

Naquele dia do pai fomos para a Chacarita ⁽¹⁾ em procissão: minha mãe, meus irmãos e eu com meu presente. A sombra alongada do cipreste

esfumava sobre o frontispício da abóbora uma figura que me pareceu uma taça de vida.

Assim que entramos no recinto, desembulhei o pacote e colocamos o castiçal sobre o caixão. Acendemos a vela. Nesse momento, minha mãe e meus irmãos retiraram-se. Eu sentia que todos eles choravam desconsoladamente. Eu era o único que estava feliz. Quanta razão tivera a senhora de Angeloz! Agora eu sentia que meu pai nunca havia morrido, que ele estava vivo.

Eu voltei novamente ao presente, à realidade do homem que havia vindo visitar a tumba de seu pai depois de muito tempo. A vela crepitava agonizante com pestanejos de maior luminosidade.

— O senhor me perguntará por que eu venho visitá-lo após mais de trinta anos! Porque eu vim lhe dar uma boa notícia. O senhor acaba de ser avô, e minha mulher e eu decidimos que seu neto leve o seu nome, Manuel, como também se chamava meu irmão mais velho, que está ao seu lado.

Despedi-me, não sem antes lhe prometer que traria uma nova vela na seguinte visita. Surpreendentemente, meu pai permaneceu em silêncio. Eu compreendi: com certeza, a notícia de outro Manuel Fuentes na família deixara-o sem palavras.

(1) O maior cemitério municipal da cidade de Buenos Aires.

O ROSTO

Avisavam-me que minha madrastra estava morrendo e queria ver-me. “Será que ela esqueceu como me humilhou na minha infância?”, eu pensei.

— É a culpa, Felipe. Ninguém quer ir embora deste páramo sem expiar as culpas – disse-me seu Pedro, que sempre lia meus pensamentos.

Em Los Toldos ⁽¹⁾ — afinal de contas, um povoado pequeno — todos souberam da notícia que o telegrama trouxera e na Cooperativa, onde eu trabalhava, obrigaram-me a ir. Foi assim que, sem muita vontade, empreendi a viagem.

Eu deixara o Tigre ⁽²⁾ havia dez anos. Fora embora exatamente em um vinte e oito de fevereiro de mil novecentos e vinte, quando fazia dezessete anos. Mas nada havia mudado. Apenas mais carruagens e carros circulando pela Rua Cazón. Quando cheguei à Rua Sarmiento, virei à direita e caminhei pelos poucos quarteirões pavimentados. Após cruzar a íngreme passagem de nível, comecei a andar pelas ruas salpicadas de charcos.

A velha casa de madeira e chapa acanalada aguardava-me. Mostrava vestígios descascados de pintura que anos atrás havia sido verde. Eu subi pela escada, pulando alguma que outra tábuas roídas pelos carunchos. No vestíbulo, meus meios-irmãos estavam me esperando.

Eu cumprimentei-os e entrei no quarto para vê-la. Sua cabeça estava coberta por uma mantilha branca, que caía cuidadosamente sobre seus emagrecidos ombros. As olheiras, profundas e azuis, enquadravam os olhos pretos já sem brilho, tão distantes daquele olhar que me aterrorizava quando criança.

— Como está a senhora? – eu disse-lhe com a maior delicadeza que me foi possível.

— Que alegria ver você, meu filho! Eu quero que você saiba que sempre foi um filho para mim! Desde que foi embora, eu rezei por você todas as noites... Mas eu pedi que o chamassem porque queria lhe dizer algo. Com os anos, a gente começa a ver as coisas de outra maneira e consegue se colocar na pele do outro. Agora eu acredito mesmo que fui muito injusta com você.

— Não há nada a dizer, Enriqueta – eu respondi-lhe. – O passado não pode ser mudado. A senhora tem que estar feliz, agora se encontra rodeada por todos seus filhos.

— Mais agora que você veio, Felipe. E repito, eu o quero como se fosse meu filho.

Eu fiquei em silêncio... Perguntava-me se podia perdoar essa mulher. Compreendia seu rancor. Meu pai rompera seu noivado de vários anos com ela para casar com minha mãe. Ao enviuar, desesperado e com um menino de dois anos para criar, retomou a relação com sua primeira namorada. No entanto, o fato de meu pai ter casado com ela não a fez esquecer o ódio que sentia por minha mãe, e o dirigiu para mim com toda a sanha.

Porém, o que eu não podia perdoar-lhe era que ela, sem dúvida, havia feito sumir todas as fotografias de minha mãe. Ninguém acreditava nela quando dizia que se haviam perdido na grande enchente.

E foi por sua culpa que eu nunca pude imaginar histórias com minha mãe. Por não tê-la conhecido, sentia-me duplamente órfão. Mamãe Lola, minha avó paterna, dizia que ela era um anjo e que por isso Deus a havia levado para o Céu. Quando eu a ouvia dizer isso, odiava Deus porque havia me afastado de minha mãe. Ainda hoje, com vinte e sete anos, quando eu sonho com ela, vejo uma mulher elegantemente vestida que me fala nas trevas, sem que possa reconhecê-la.

Enriqueta disse-me, tirando-me bruscamente de minhas lembranças:

— Eu quero que tudo que tenho seja repartido por partes iguais entre seus irmãos e você.

— A senhora sabe que eu não quero nada. Isso mesmo disse a meu pai antes de sua morte, faz cinco anos. De qualquer forma eu lhe agradeço – respondi-lhe.

Nesse momento, um de meus meios-irmãos aproximou-se de mim para me avisar da chegada do médico. Aproveitei para percorrer a casa.

No fundo estava o galpão, o lugar preferido de meu pai. Alegrou-me ver o rústico banco de pino que ele fabricara com suas próprias mãos. E então revivi o que ali havia acontecido. Nessa época, eu tinha por volta de nove anos. Meu pai fumava cigarro após cigarro, parecia profundamente nervoso. Momentos antes ele e minha madrasta haviam discutido aos berros, eu havia ouvido a briga. Nela eles me mencionavam com insistência.

Lembro que meu pai me falou como se eu fosse um homem. Sua voz tremia. Pediu-me perdão pelo modo em que Enriqueta me tratava, queria dar um fim a isso. Então tirou de um caixão a arma que conservava da época em que havia sido delegado de um povoado próximo. Eu não compreendia o que se passava por sua mente, mas sentia muito medo. Nesse momento apareceu Rosita, sua filha de apenas dois anos, tomou-o pela mão e o levou para o jardim.

Meus irmãos vieram buscar-me e tiraram-me do passado. O médico reuniu-nos e disse que Enriqueta já tinha pouco tempo de vida. Eu fui me despedir dela. Beije-a na testa. “Afim de contas, ela esteve junto a meu pai em sua longa e dolorosa enfermidade”, pensei. Essa foi a primeira vez que a vi sorrir.

— Eu tenho uma coisa para você – ela disse-me. – Você se lembra da enchente que houve faz muitos anos, na qual perdemos quase tudo? Algo foi salvo e é seu. Mas eu quero que você o veja quando já estiver longe daqui.

Cheguei à estação de Tigre e, impaciente, desembulhei o pacotinho. Era uma fotografia de uma belíssima mulher. Na parte inferior havia uma legenda que, com letra muito elegante, dizia: *“Para meu filho Felipe, de sua mãe, que o quer e sempre estará a seu lado. Felipa.”*

(1) Cidade situada no norte da província de Buenos Aires.

(2) Cidade da província de Buenos Aires, localizada no delta do rio Paraná.

LÁZARO

Lázaro caminhava despreocupadamente pela arborizada rua Granaderos. Sentia-se tão bem que acreditava deslizar sobre a calçada. Comprovava com surpresa que o pólen dos plátanos não lhe produzia a alergia habitual. Sua casa se encontrava ali, a escassos dez metros da avenida Avellaneda.

– Que estranho! – ele pensou. – Uma pessoa de smoking na porta.

Lázaro entrou sem dizer-lhe nada. Afinal de contas, essa era sua casa e não tinha por que dar explicações. O homem permaneceu impassível.

No interior havia um grande número de pessoas, inclusive algumas que ele não via fazia muitos anos. Era estranho: ninguém se apercebia de sua presença, cada qual continuava batendo papo a média voz. Em um recanto afastado ele viu sua esposa, que estava sendo consolada efusivamente por Daniel, seu sócio e amigo.

Continuou seu percurso. Os móveis da sala haviam sido deslocados e no centro via-se um túmulo rodeado de velas cintilantes. Qual não foi sua surpresa quando enxergou seu corpo de elegante terno no reluzente féretro. Agora compreendia por que ninguém advertia sua presença. Pensou que sua mulher esquecera dizer ao médico que ele padecia ataques de catalepsia e o médico – famoso no bairro por receitar purgantes e clisteres para qualquer classe de doença – apressara-se a consignar seu falecimento por morte súbita.

Decidiu ser um homem completo e uniu-se a seu corpo. Seus padecimentos começaram ali. Na época costumava-se vestir os mortos com suas melhores galas, mas na ocasião haviam usado o terno, a camisa e os sapatos de verniz de sua festa de casamento sem atentar nos quilos a mais que ganhara.

Foi então quando Lázaro resolveu dar a sua esposa a boa notícia de que estava vivo e se levantou do caixão. Jamais pensou que sua decisão podia causar tanto horror. Todos fugiram da casa em debandada de maneira estrepitosa e anárquica. Lázaro ficou absolutamente sozinho.

Precisava de ar fresco e saiu à rua. Dirigiu-se para a transitada avenida Rivadavia. Um ataque de espirros lembrou-lhe a alergia que lhe produziam os grãos de pólen dos plátanos da rua Granaderos.

O pessoal da funerária não havia colocado o cinto e Lázaro tinha de segurar as calças com as mãos para que não caíssem. Cruzou a passagem de nível olhando cuidadosamente para um e outro lado, receoso de ser atropelado pelo trem e morrer a sério.

Quando chegou à rua Bacacay, Lázaro teve um descuido trágico. Ao cruzar a rua, não viu o bonde que vinha a toda a pressa. O motorista não conseguiu soltar a tempo o guarda-vidas dianteiro e tentou frear a mole de ferro lançando o depósito de areia sobre os trilhos. Tudo foi inútil. Junto com o rangido ensurdecedor, ouviu-se uma batida seca e sonora. Depois reinou o silêncio absoluto.

Lázaro começou a caminhar pela rua Granaderos, dessa vez em sentido contrário. Atrás ficava um conjunto de pessoas curiosas. Um par de sapatos pretos de verniz sobressaía debaixo do bonde entre uma enxurrada de areia.

Caminhava despreocupadamente. Sentia-se tão bem que, mais que caminhar, acreditava deslizar sobre a calçada. Comprovava com surpresa que o pólen dos plátanos não lhe produzia a alergia habitual. Sua casa estava ali, a escassos dez metros da avenida Avellaneda. Havia um policial de guarda na porta. Lázaro pensou se entrava ou não, duvidou uns instantes. O policial não se apercebeu de sua presença. Finalmente decidiu continuar deambulando pela cidade.

Sentia-se tão bem que, mais que caminhar, acreditava deslizar sobre a calçada.

A SOMBRA

– O senhor é caçador de sombras?

Eu fiquei desconcertado. Jamais havia escutado que alguém se dedicasse a caçar sombras.

Entre titubeios e silêncios, Leandro começou seu relato.

– Aconteceu acidentalmente... Eu digo bem... Acidentalmente. Foi quando a tarde adormecida estampava na superfície da Plaza de Mayo as figuras ainda mais alongadas das palmeiras.

– Eu repito! Aconteceu acidentalmente... Quando eu virei as costas ao sol entardecido e comprovei que tinha perdido a sombra... Minha sombra!

– Foi então quando começou o calvário de sair nos dias nublados e nas noites sem Lua. A partir desse momento, eu fujo permanentemente de tudo que possa delatar a falta de minha sombra.

– O Senhor compreende meu problema? Agora mesmo, eu tenho medo de que o sol saia.

Isso era mais um pedido de ajuda que uma pergunta.

Eu havia dedicado meus estudos de psiquiatria ao conceito junguiano da sombra, o aspecto mais obscuro e negado do eu. Porém, na verdade outro problema afetava Leandro: seu corpo não produzia a sombra que qualquer objeto opaco gera ao se interpor no passo da luz. Enquanto refletia sobre essa singular condição, eu lembrei um pensamento de José A. Martín: *“Era-se uma vez um homem tão insignificante que não tinha sequer sombra”*. Perguntei-me

se esse seria o caso de Leandro. Ele se encontrava na metade da vida, talvez o momento mais obscuro na existência do homem.

Imediatamente nós pusemos mãos à obra. Começamos a ter longas conversas e esquecemos provisoriamente que ele havia perdido a sombra como mero fenômeno físico para dedicarmo-nos à outra sombra, àquela que faz parte de nossa personalidade. Muitas vezes oculta e encoberta.

Nessa etapa eu comprovei que Leandro negava sistematicamente sua parte inconsciente. Foi uma tarefa muito difícil, mas finalmente ele compreendeu que a sombra, sua sombra, era uma parte essencial de sua vida. Assim, um dia começou a viver com seu lado mais recôndito e desconhecido. Foi então quando decidimos encontrar-nos onde havia perdido a outra sombra, exatamente no mesmo lugar e na mesma hora.

Ele estava nervoso, tinha diante de si o desafio da insubornável realidade. Eu sentia-me inquieto também, queria saber que tipo de relação havia entre ambas as sombras.

Nós estávamos de pé na Plaza de Mayo e olhávamos para o poente, de costas para o rio. Uma multidão ameaçante vinha nesse momento: mulheres e homens levavam paus e vociferavam contra tudo. Repentinamente nós ficamos aterrorizados no meio deles. Quando o susto passou, eu vi uma incipiente sombra aos pés de Leandro. “Será que o efeito misterioso do medo obrou como catarse?”, eu pensei. Convidei-o para caminhar com uma leve esperança. Ao cruzarmos a Avenida Julio Argentino Roca, o milagre produziu-se: o corpo de Leandro projetava sobre o asfalto uma sombra perfeita, inigualável.

Eu perguntei-me se seu corpo havia se tornado opaco à passagem da luz graças à integração da parte oculta de sua personalidade. Não continuei tecendo elucubrações. Essa seria mais uma das tantas perguntas que eu guardo sem explicação racional. Despedi-me de um Leandro feliz.

Quando voltei minha cabeça, comprovei que agora meu corpo era que não produzia sombra...

Acostumado a vagar sem minha sombra, um dia ensolarado de fevereiro eu deparei-me com Marcus, um amigo entranhável do ensino médio. Ele conservava sua magreza de sempre e na sua testa aparecia aquela indelével mancha rosada de nascimento, que já não podia dissimular deixando os cabelos caírem sobre o rosto.

Após a euforia do reencontro, Marcus disse-me que havia se dedicado à pesquisa biológica e estava realizando experimentos sobre a hibernação. O comentário de meu amigo causou-me um estrondoso ataque de riso quando lembrei a história de Walt Disney e as macabras versões sobre o congelamento do corpo.

Sem se alterar por minhas risadas, Marcus continuou:

– O instituto onde realizo as pesquisas se encontra a dois quarteirões daqui. Eu gostaria de que você viesse conhecê-lo!

Era uma casa senhorial, uma das poucas que ainda restavam no bairro de Belgrano. Estava localizada nas proximidades das ruas Estomba e La Pampa. Depois do amplo vestibulo, encontravam-se os quartos onde funcionavam os laboratórios. Muito apaixonado, Marcus foi me explicando cada um dos experimentos. Finalmente chegamos ao último gabinete: cinco cobaias jaziam imersas em um profundo sono induzido. Mais misterioso agora, Marcus disse-me:

– Esse é o mais importante de todos os experimentos. As alterações próprias da hibernação foram induzidas nas cobaias mediante o aumento artificial de uma solução alcalina no sangue. Por enquanto, os resultados são bem-sucedidos e uma das cobaias vai ser acordada na semana próxima.

– Aonde vocês querem chegar com os experimentos? – eu perguntei.

– Se o resultado for satisfatório, tentaremos fazê-lo com seres humanos. Não tem muita diferença entre um homem e uma cobaia, salvo a maior complexidade do primeiro.

Quando saí do instituto, eu sentia-me inexplicavelmente desconcertado. Comecei a caminhar pelas ruas de meu antigo bairro. As anosas pitas em flor entrecruzavam no alto seus sarmentosos galhos. A recente suestada havia recoberto as ruas de amarelo. Foi então quando o penetrante perfume de uma tília em flor me lembrou a proximidade do templo evangélico luterano da Avenida Naón.

Na semana seguinte avisaram-me que o biólogo Marcus me esperava no instituto para eu presenciar o fim do experimento.

Vi a cobaia conectada a um sem-número de aparelhos. Em uma das telas, um gráfico minucioso representava o funcionamento do hipotálamo do animal. Marcus explicou-me que esse monitoramento era importante porque ali se encontrava o centro das atividades automáticas do organismo.

Eles aumentaram paulatinamente a temperatura corporal do animal e diminuíram a concentração alcalina no sangue. Como por arte de mágica, logo após a cobaia começou a saltitar alegremente. Esse era o sinal que todos esperavam. Sem sombra de dúvidas, o experimento havia sido um sucesso.

– Agora falta provar o experimento em um ser humano – disse-me Marcus.

Eu deixei a instituição, onde todos celebravam. Já em casa, pensei na possibilidade, talvez insensata, de me oferecer como sujeito de experimentação nessa pesquisa sobre a hibernação.

No dia seguinte estava instalado no instituto. Quando disse a Marcus que eu me oferecia para ser seu coelhinho de Índias, ele sorriu incrédulo. Pensou que era uma das tantas brincadeiras de seu antigo colega da secundária.

– Não é brincadeira, não! Essa é minha decisão!

A preparação foi rápida. Depois das análises de praxe, Marcus disse-me:

– Você é um animal apto! Começaremos o experimento agora!

À medida que me conectavam, fui ingressando em uma agradável sonolência até finalmente cair em um estado vegetativo, anódino, sem tempo. Muitos invernos passaram-se, até que um dia eu acordei.

Encontrei a meu lado um homem extremamente velho. Estava quase irreconhecível, porém não tive dúvidas de que era meu amigo Marcus: o angioma na testa era seu inconfundível distintivo pessoal. Embora parecesse cansado, ele estava feliz. Explicou-me que o experimento havia se demorado muito mais tempo que o programado. Todos os que trabalhavam no instituto haviam ido embora, apenas ele decidira ficar para continuar cuidando de mim. Esse era seu último dever e agora sua missão havia concluído.

Marcus acrescentou que as coisas haviam mudado muito e que transitar pelas ruas era sumamente perigoso.

Ao me olhar no espelho observei, não sem certa alegria, que meu aspecto físico não havia mudado. O evidente contraste entre ele e seu amigo de juventude, já ancião, era estranho.

Despediu-se de Marcus com um abraço. Ele pressentia que não voltaria a vê-lo em vida. Quando saiu à rua, descobriu que o instituto estava quase

destruído, uma simples olhada ao redor bastou para perceber como tudo havia mudado. Já não havia casas senhoriais transbordantes de árvores e flores, só viam-se alguns prédios altos e retangulares, sem sinal algum de vida. As poucas árvores sobreviventes languesciam rumo a uma morte lenta e certa.

Um cheiro nauseabundo inundava o lugar. À medida que eu caminhava pela avenida Naón para a rua Blanco Escalada, a pestilência crescia. Lembrei que nessa área se encontrava a canalização subterrânea do ribeirão Vega, outrora famoso pelas enchentes nos dias de grandes chuvas. Quando cheguei ao lugar, vi a rua estripada, mostrando sem impudícia o lento fluir das águas malcheirosas. Continuei a caminhar por Naón em direção à avenida Monroe, embrenhando-me em uma atmosfera cada vez mais irrespirável. A ausência absoluta de pessoas chamava a atenção.

Divisei alguém vestido como um astronauta na esquina de Naón e Monroe. Apressei-me a chegar até ele e cumprimentei-o. O homem, contrariado, respondeu-me com um som gutural. Então tomou um misterioso aparelho e digitou alguns signos com movimentos muito hábeis do dedo polegar. Depois me mostrou a tela, que em linguagem críptica me dizia que era proibido se comunicar sem o “computador oficial”.

Eu permaneci imperturbável. A estranha personagem voltou a digitar alguns signos e virou novamente a tela para eu ler. Uma grafia cintilante enviava-me esta mensagem: “O computador oficial é o único passaporte válido para permanecer, circular e comunicar-se. Ninguém pode viver fora do sistema. Comitê de Saúde Pública.”

Nesse instante, eu refleti sobre a rara e ingrata época em que o acaso me colocara. O que antes se anunciava como uma hipotética catástrofe ecológica havia chegado a ser uma dolorosa realidade. Porém, a absoluta falta de liberdade era o que mais me angustiava. A tela confirmava essa sensação: “ninguém pode viver fora do sistema”.

Foi como se houvessem lido seus pensamentos. Um raio azul arroxeadado bateu em cheio no seu corpo.

Caiu fulminado. Logo seu rosto foi adquirindo as feições de um ancião. Quando seu corpo foi levantado por uma sofisticada pá mecânica com destino ao nauseabundo córrego Vega, seu rosto ficou colado ao de outro ancião, que parecia observá-lo com seus olhos escancarados, enquanto uma mancha rosada sobressaía na palidez cadavérica de sua testa. Agora seu corpo se refletia no lúgubre ambiente.

Por fim havia recuperado sua sombra.

À GUIA DE EPÍLOGO

Prezado leitor:

Você se perguntará por que intitulei este livro “Caleidoscópico”.

Talvez porque as poesias e os relatos aqui agrupados se encontram unidos apenas pelo fio sutil do diverso e mutável.

Ou talvez porque aqui são narradas as lembranças de uma criança que olhava pelo diminuto buraco de um caleidoscópico e se espantava ao ver suas lampejantes figuras.

Ou talvez seja porque para o autor, ainda hoje, Caleidoscópico significa magia, mistério e o acaso do destino.

Lino Roberto Morales

INDICE

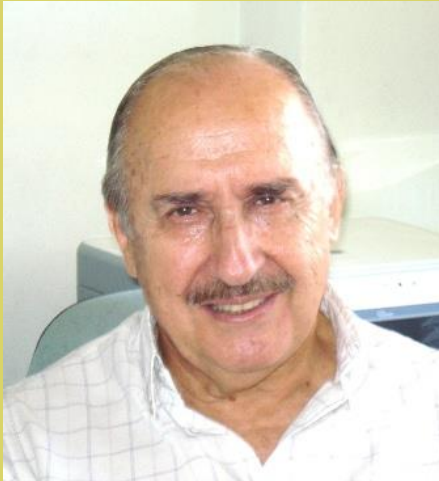
I. POESÍA

ANO DE 1936	6
<i>CARPE DIEM</i>	7
A ROSA BRANCA	8
POR QUE HÁ ROSAS VERMELHAS?	9
O EFÊMERO	10
AQUELA LUA	11
ASSIMETRIAS	12
GRITOS E SILÊNCIOS	13
TEUS EBÚRNEOS PEITOS	14
A DÚVIDA	15
SÓ SOU UM HOMEM SÓ	16
LIBERAÇÃO	17
TU NÃO ENTENDESTE	18
A AVÓ	19
TOLERANTIA	20
AS MORTES	21

II. CONTOS

O SALÃO NOBRE	23
O FILHO DE DEUS	25
O INFERNO	28
LADY SUSAN MARGARET THOMPSON..	31
DIA DO PAI	35
O ROSTO	38
LAZARO	42
A SOMBRA.....	45
À GUISA DE EPÍLOGO.....	52

Lino Roberto Morales nasceu na cidade de Buenos Aires em 2 de agosto de 1936. Publicou *A Mepra* (Editorial Dunken, 2006), editada em português em Terra Curanda vzw. Hoeilaart, BE, 2013 (ISSN 1569-2469), e *El señor Alejandro* (Ed. Dunken, 2008). Seu conto *Bahia de Samborombón* (Ediciones de las Tres Lagunas) obteve Menção



de Honra no “Cuarto Certamen Nacional de Cuento y Poesía Juninpaís 2005”. Na “Décima Convergencia Internacional de Cuentos Juninpaís 2011”, seu conto *Lázaro* (Ediciones de las Tres Lagunas) mereceu uma Menção Especial.

O presente livro reúne uma série de poemas que mostram o diálogo, por vezes agônico, do poeta consigo mesmo. Esse olhar intimista e pessoal nos lembra as palavras de Miguel de Unamuno: “Permitidme que os hable de mí mismo; soy el hombre que tengo más a mano”. Essa é a marca

existencial que transparece nos contos *O salão nobre*, *O filho de Deus*, *O Inferno*, *Lady Susan Margaret Thompson*, *Dia do pai* e *O rosto*, que compõem a segunda parte do livro. Esta versão em português de *Caleidoscópico* inclui os contos *Lázaro* e *A sombra*, publicados em espanhol em 2011 pela Editorial de las Tres Lagunas.

Por último, cabe perguntar qual o sentido do título escolhido pelo autor para a antologia. Por que *Caleidoscópico*? Talvez a resposta se encontre no Epílogo, onde o escritor aponta que para ele, ainda hoje, o caleidoscópico simboliza magia, mistério e o acaso do destino.

A versão para o português foi realizada pela tradutora Sandra Brachet-Cota, formada na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. O desenho de capa esteve a cargo de María del Carmen Patricia Morales.